Selvagem

Wild

Cleiton Echeveste[1]

Resumo

Este texto é fruto de uma proposta desenvolvida coletivamente pela turma do curso "Reescrituras cênicas e a crítica da violência ética em contar-se a si mesmo", ministrado pela Prof.ª Dr.ª Martha Ribeiro, no Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no segundo semestre de 2025. Provocados pela docente, cada pessoa participante levou à sala de aula um objeto que lhe instigasse reflexões sobre um mundo multiespécies, a partir da ficção de Le Guin e das propostas de fabulação especulativa de Haraway. Tendo como mote a articulação entre alguns destes objetos e a cena de interpelação consistente com seu projeto de pesquisa, cada pessoa desenvolveu um texto próprio. "Selvagem" articula afetos, memórias e auto etnografia, aliando referências da cena queer nacional e elementos histórico-culturais.

Palavras-chave: Dissidência; Criança viada; Compostagem; Ética; Cuidado.

Abstract

This text is the result of a proposal developed collectively by the class of the course "Scenic rewritings and the critique of ethical violence in telling oneself," taught by Prof. Dr. Martha Ribeiro, in the Postgraduate Programme in Performing Arts at the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ), in the second semester of 2025. Prompted by the professor, each participant brought to the classroom an object that would provoke reflections on a multispecies world, based on Le Guin's fiction and Haraway's proposals for speculative fabulation. Using the connection between some of these objects and the scene of interpellation consistent with their research project as a starting point, each person developed their own text. "Wild" weaves together affections, memories and auto-ethnography, combining references to the national queer scene with historical and cultural elements.

Keywords: Dissidence; Queer child; Composting; Ethics; Care.

[1] Artista-pesquisador, doutorando no PPGAC/Unirio, com investigação no campo do Teatro para as Infâncias e Juventudes. E-mail: cleiton.echeveste@edu.unirio.br.

Para Dejayr Ferreira (em memória)

Notas preliminares:

A primeira canção deve ser escutada simultaneamente ao início da leitura deste texto. Sua audição poderá – ou não – ser interrompida como indicado. Para quem não conhece sua letra, recomendo a leitura prévia à leitura do texto.

Este texto exala aroma de alfazema.

Wild is the wind[2]

Fig. 1 – *QR code* para acesso à canção "*Wild is the wind*"



Fonte: Produzido pelo autor do texto.

Love me, love me, love me

Love me, say you do

Let me fly away with you

For my love is like the wind

And wild is the wind

Wild is the wind

[2] "Me ame, me ame, me ame / Me ame, diga que você ama / Me deixe voar daqui com você / Porque meu amor é como o vento / E selvagem é o vento / Selvagem é o vento / Me dê mais do que uma carícia / Satisfaça esse desejo ardente / Deixe o vento soprar através do seu coração / Porque selvagem é o vento / Selvagem é o vento / Você me toca / Eu ouço o som de bandolins / Você me beija / Com seu beijo minha vida começa / Você é primavera pra mim / Tudo pra mim / Você não sabe / Você é a própria vida / Como a folha se agarra à árvore / Oh, meu bem, agarre-se a mim / Porque somos como criaturas do vento / E selvagem é o vento / Selvagem é o vento / Você me toca / Eu ouço o som de bandolins / Você me beija / Com seu beijo minha vida começa / Você é primavera pra mim / Tudo pra mim / Você não sabe / Você é a própria vida / Como a folha se agarra à árvore / Oh, meu bem, agarre-se a mim / Porque somos como criaturas do vento / E selvagem é o vento / Selvagem é o vento / Selvagem é o vento / Selvagem é o vento / Selvagem é o vento". *Wild is the wind* foi escrita por Dimitri Tiomkin e Ned Washington para o filme homônimo de 1957, em gravação de Johnny Mathis. As versões mais conhecidas foram gravadas por Nina Simone (no seu álbum homônimo de 1966) e por David Bowie (no seu álbum de 1976 *Station to station*). Esta última é a gravação disponível pelo *QR-Code*.

Give me more than one caress
Satisfy this hungriness
Let the wind blow through your heart
For wild is the wind
Wild is the wind

You touch me
I hear the sound of mandolins
You kiss me
With your kiss my life begins
You're spring to me
All things to me
Don't you know
You're life itself

Like the leaf clings to the tree
Oh, my darling, cling to me
For we're like creatures of the wind
And wild is the wind
Wild is the wind

You touch me
I hear the sound of mandolins
You kiss me
With your kiss my life begins
You're spring to me
All things to me
Don't you know you're life itself?

Like the leaf clings to the tree
Oh, my darling, cling to me
For we're like creatures in the wind

And wild is the wind

Wild is the wind

Wild is the wind

Wild is the wind

Wild is the wind

A canção reverbera no amplo espaço. Ele se assemelha a uma caverna, incomensuravelmente ampla e alta. Uma espécie de catedral, no alto de uma montanha, esculpida em rocha, ao longo de sucessivas eras geológicas, pela ação dos ventos, por vezes fustigantes naquela altitude. Em uma das inúmeras galerias desta caverna, uma das mais altas delas, encontra-se uma criatura. É Isabelita,[3] que repousa, confortavelmente recostada em uma grande e confortável *chaise longue*. Sua cabeça e braços estão apoiados suavemente sobre almofadas douradas e vermelhas. Como quem medita, ela tem os olhos levemente fechados. No seu rosto, uma expressão de júbilo. Isabelita tem o corpo delgado, estatura mediana e um rosto intensamente expressivo. Especialmente seus olhos, emoldurados por longos e densos cílios negros.

O espaço ao seu redor confundiria qualquer um que quisesse descrevê-lo ou enquadrá-lo. Um misto de alcova, de ninho, de altar, de refúgio, com uma altura que, talvez enganando o olhar, aparenta ter incontáveis metros de altura, de largura e de profundidade. Poucos objetos habitam este espaço. Uma imensa estante, com muitas prateleiras recheadas de livros. Um grande baú pousa sobre uma estrutura feita de âmbar. Algumas esculturas, de diversos tamanhos, algumas em madeira, outras em pedra, representando o que parecem ser criaturas interespécie, algumas delas suspensas por cordas invisíveis. Entre eles, pássaros com feições humanas, cabeças felinas em corpos semi-humanos, humanos alados. A *chaise longue* na qual Isabelita repousa está situada ao centro deste gigantesco espaço. Ela ostenta estampas de um pássaro grande que, a um primeiro olhar, parece ser uma águia. Mas não é uma águia que está estampada naquela confortável cadeira, e sim um condor. Não por coincidência, já que Isabelita é estudiosa da cosmogonia andina, na qual o condor é um mensageiro dos deuses, um elo entre o céu e a

[3] A personagem é uma inspiração e uma homenagem a Isabelita dos Patins, *drag queen* argentina, persona artística de Jorge Omar Iglesias e ícone LGBTI+ dos anos 1980 e 1990. Jorge Omar deu vida a Isabelita em plena ditadura brasileira, em 1971, e ela tornou-se um símbolo da longevidade artística e LGBTI+ no Brasil. Ela se mantém como uma figura cativante e inspiradora, representando o espírito irreverente e colorido do Rio de Janeiro.

terra.

Ao lado dela, sentado sobre um amplo tapete de cor laranja, um menino, com cerca de 11 anos de idade, magro, com um tom de pele de cor marrom clara, cabelo preto e liso, com um corte bem curto. Com seus olhos meio felinos, ele a observa. Espera que ela "volte", que abra novamente os olhos e dê atenção a ele. Como ela persiste em seu mergulho interior, no entanto, o menino desvia o olhar, que volta a encontrar aquele baú. Por algum motivo, ele sente-se atraído por aquela grande caixa de conteúdo misterioso, feita de madeira rústica, ainda que não o tenha tentado abrir. Continuando sua inspeção um tanto aleatória do ambiente, ele observa um quadro que paira à sua frente, medindo pelo menos três vezes a sua altura. Nele, uma pintura com fundo multicolorido, como explosões, sobre estampas florais gigantescas. Mas ele se concentra nas duas figuras semi-humanas, que se parecem com gatos. Elas têm orelhas, bigodes e rabos de gatos, e estão dançando sobre as patas traseiras, agitando seus maracás. Enquanto os observa, o menino percebe que as criaturas se movimentam e olham para ele. Talvez sejam os homens-jaguar, ou homens-puma, sobre os quais já tinha escutado diversas histórias...

Isabelita se move languidamente. Ela começa a abrir os olhos.

– Dormindo?, pergunta o menino.

Ela sorri só com o canto esquerdo da boca e responde, com um saboroso sotaque portenho.

– Essa música, ah, essa música, ele gravou e dedicou para mim, *lo sabías*? *Salvaje*, como o vento... Ele queria até que eu fosso morar com ele... Queria me enredar na sua teia, ele e as suas aranhas marcianas... Ah, bons tempos...

– Por quê?, o menino pergunta curioso.

– Crianças e suas *preguntas*... Com um gesto de Isabelita a música é interrompida. Por que o quê?, ela não entende.

– Por que era bom?

– Ah, *cariño*..., Isabelita pensa. Sobre isto eu não estou autorizada a falar com menores de idade. *Los dragones* podem ficar sabendo e na certa eles virão me atacar para me punir. Podem me processar por... incitação à ideologia de gênero, ou por... promoção da pedofilia, ou... até da zoofilia. Ou pela renda básica universal... ou pela criação das zonas especiais T, ou... pelo motivo que eles acharem mais conveniente, enfim, guiados pela sua típica dissonância cognitiva... Ela ri alto.

– Mas quando eu for maior de idade, você já vai estar morta, grita o menino.

– Ai, que susto! E obrigada pela gentileza do lembrete de que o tempo passa... para todo mundo. Olha-se num espelho, que surge ao seu lado a um gesto seu. Mas não se esqueça que antes mesmo de você nascer, *chiquillo*, eu já havia conquistado *la imortalidad*.

Como ser pós-humano, nos primeiros anos da elevação do nível dos oceanos, Isabelita havia se transfigurado em um ser transmortal, conquistando a prerrogativa de viver sob a forma e pelo tempo que desejasse.

– Mas isso aqui ainda dá um bom caldo, então vou ficando, *corazón*, disse ela. Dos seus olhos saltam faíscas.

Ela se ergue da sua *chaise longue*. Duas pequenas asas, uma atrás de cada salto plataforma, a fazem deslizar pelo espaço. Flutua com suavidade até a ampla estante, de onde apanha um livro. O menino a olha com espanto.

– Impressionado com *mis alitas*? Há muito, muito tempo eu usava patins. Mas com o passar dos anos, achei que asas seriam mais elegantes, além de exigirem menos esforço.

– Demais!, diz o menino, encantado.

– Meu livro-brinquedo, diz sorrindo, segurando um livro em suas mãos. Na verdade, meu oráculo, meu I-Ching particular. Vamos ver o que ele tem a nos dizer hoje.

Ainda com o livro em mãos, ela mantém, concentrada, os olhos fechados por algum tempo. Subitamente, ela os arregala e, abrindo o livro ao acaso, puxa de dentro dele um barbante, que parece não ter fim. Enquanto Isabelita puxa o fio, com gestos amplos, ele se estende, flutuando, por toda a galeria onde estão e começa a se expandir, esticando-se para fora, através de uma ampla abertura, caverna afora, até ganhar a escuridão do espaço externo. Uma espécie de eletricidade faiscante ilumina o barbante, formando em torno dele um campo luminoso, cuja cor oscila entre as sete cores do arco-íris.

Uma coroa dourada, coberta de plumas e brilhos, surge na cabeça de Isabelita e um largo manto, feito de papo de tucano, cobre o seu corpo, estendendo-se até o chão.

– Ecologicamente incorretíssima, *carajo*, ela pensa. Logo, no entanto, repele o pensamento. Mas foda-se, eu é que não vou deixar de usar um troço chique desses, *maricón*!

O menino percebe que os pés de Isabelita converteram-se em garras. Asas largas e fortes substituem seus braços. Diante dos seus olhos, o manto de papo de tucano converte-se em um exuberante manto preto, que se funde à sua pele. Afinal, ela pertencia à espécie

das mulheres-condor. Ela lança um olhar para o menino, que assiste a tudo com olhos maravilhados e, movendo sua asa direita, coloca-o gentilmente nas suas costas.

Naquele momento, a conversa entre os dois se converte em um diálogo sem palavras.

– Vou levá-lo aonde que você quiser ir, disse ela telepaticamente.

– Aonde eu quiser ir... Isso fica reverberando na cabeça do menino. Aonde eu quero ir? Aonde eu quero... Já sei! Quero encontrar a Brenda Lee.[4]

– E você conhece a Brenda?

– Hum-hum!

– Hum, essas novas gerações... Você sabe onde ela está, *pibe*?

– Sei, vou te guiar, ele responde com convicção.

E, atravessando a imponente abertura da galeria, eles saem. O menino montado naquele pássaro imenso, ambos guiados por aquela longa trilha criada pelo barbante, que a essa altura havia se convertido em uma corda larga, ainda mais colorida e luminosa. Era noite e, como uma estrada dos tijolos amarelos, ela os guiava.

– Sabe, menino, Brenda é da espécie das mulheres-leoa, assim como Luana, Keila, Érika. Na era pré-degelo, elas construíram refúgios para todas as pessoas trans-humanas. Acolhiam todas as gentes, todas as espécies. Brenda criou uma comunidade que salvou muita gente durante a grande peste do século XX, viu?

Isabelita-condor faz um giro súbito para se manter na rota. Ainda assim, o menino se mantém firme nas suas costas. Ela lança um olhar para ele.

– Por que você quer encontrar a Brenda? Eu posso saber?, como de costume, Isabelita não contém sua curiosidade.

– Eu tenho um presente pra ela: essa caixa de talco, que a minha avó queria entregar pra ela. Minha avó era fã da Brenda Lee. O menino apanha a caixa, que carrega dentro de uma bolsa, em formato de peixe, zelosamente cuidada. Um forte aroma é exalado. Enquanto isso, o pó brinca e desenha formas no espaço, até se recolher por conta própria ao recipiente.

[4] Brenda Lee foi uma travesti brasileira que, nos anos 1980, no começo da epidemia do HIV/Aids, converteu sua casa em São Paulo no primeiro centro de apoio para pacientes vivendo com HIV/Aids do Brasil (e um dos primeiros do mundo). Sua história é relatada no livro "Brenda Lee - memórias entrelaçadas da Aids", de Ubirajara Caputo (São Paulo: Politeia, 2025). Em São Paulo, o Núcleo Experimental de Teatro criou o espetáculo "Brenda Lee e o Palácio das Princesas" em sua homenagem. Verónica Valenttino, que interpretou Brenda, fez história tornando-se a primeira atriz trans a ganhar o Prêmio Shell, em 2023.

– Hum... alfazema, *que rico*! Ela vai adorar! E por que a sua avó não entrega ela mesma essa caixa à Brenda?

– Minha avó partiu já faz tempo.

– Sinto muito, *chiquillo*.

– Tá tudo bem. Eu encontro com ela em sonho quase toda noite. Foi assim que ela me pediu pra entregar a caixa pra Brenda.

Passa-se um tempo, durante o qual continuam seu voo.

– E eu quero pedir ajuda pra ela.

– Ajuda pra quê?

O menino nada responde. Depois de algum tempo, surge diante deles uma tela gigantesca, onde tudo o que ele narra é visto nas sete dimensões. A imagem projetada mostra o menino sendo perseguido e agredido na escola. Outros meninos, alguns maiores que ele, gritam em tom de xingamento: marica, franzino, delicadinho, bichinha, viadinho, puto, anel de couro. Em segundos, a imagem se reconfigura. Nela, diversas cenas curtas se sucedem: o menino sendo empurrado, caindo em uma escada, levando uma bolada na cabeça, recebendo um soco na barriga, sofrendo vários tipos de agressão física, sempre acompanhada de violência verbal.

– Tudo que eu mesma passei quando era *niña*..., é o pensamento que atravessa Isabelita, acompanhado de um estremecimento de todo o seu corpo.

O menino continua o seu relato, enquanto seguem o voo. Desta vez, no entanto, ele retoma a fala. Imediatamente, a imagem diante deles se reconfigura. Nela, o menino está na sua casa, deitado na sua cama. Ele comenta que tem dias em que não quer ir à escola, tenta encontrar desculpas para ficar em casa, que raramente funcionam. Ele confessa a Isabelita que não consegue contar aos seus pais o que lhe acontece na escola, por achar que eles não o compreenderão. Que atribuirão a culpa dos ataques a ele, pela forma como fala, se senta, caminha, gesticula, é. E confessa que anda tão cansado destes ataques, que já não tem vontade de continuar... A imagem projetada imediatamente desaparece.

– Tá bem. Brenda vai te escutar e vai te ajudar. Brenda tem poderes que até a deusa duvida!

Seguem o voo em silêncio.

Após um longo período, que pareceu se estender por várias horas, avistaram uma clareira, que se abria no meio de uma densa floresta. Até o centro desta clareira os

conduziu a longa corda multicolorida. Ao pousarem, a corda rapidamente se recolheu, entrando no corpo de Isabelita-condor pelo topo de sua cabeça. Um espetáculo de luzes fez o seu corpo estremecer. Alguns segundos depois, Isabelita havia retomado sua forma humana.

– Isso é melhor que energético! Ela ri alto.

Em silêncio, olham para o centro da clareira, onde avistam duas figuras humanas, que as convidam a se aproximar. Uma delas, a avó do menino, toma a frente. O menino corre ao seu encontro. Seu coração bate forte.

– Eu não sabia que a senhora estava aqui também.

– Brenda e eu somos amigas de longa data.

– Mesmo???, duvida. Eu achei que a senhora era só fã da Brenda.

– Sua avó e eu somos muito mais do que isso.

– Há muito tempo nós sabemos ao lado de quem nós devemos lutar, completa a avó.

– Foi Isabelita quem me trouxe aqui, o menino disse, animado.

A avó e Isabelita trocam um longo e afetuoso abraço.

– *Mucho gusto*, Isabelita. Já ouvi falar muito em você.

– Por tudo que o seu neto falou sobre você, sinto que é como se eu já a conhecesse há muito tempo, *hermana*, replica Isabelita.

– Brenda, posso te dar um abraço?

– Claro. Você me faz lembrar as minhas princesas... E abraçam-se com carinho. Mas agora a sua avó quer conversar com você. Isabelita e eu temos uma coisa importante pra fazer.

O menino imediatamente volta-se para a avó, com olhos curiosos e atentos. As outras duas se afastam para uma extremidade da clareira, indo ao encontro de uma figura, que aparentava ser um tigre, em repouso.

– Tenho uma história pra te contar, disse a avó ao menino, sentando-se no chão e convidando-o a fazer o mesmo.

– Sempre senti falta de ouvir as suas histórias, disse ele.

– Você vai entender porque eu pouco falava sobre a minha vida. Pelo menos sobre a minha vida até os meus vinte e oito anos. Segurando as mãos do neto: Eu sou, nós somos, de origem indígena. Até os quinze anos, eu morava junto aos meus pais e meus irmãos,

numa comunidade às margens do rio Uruguai. Até que um dia, uma menina da comunidade desapareceu. Nunca soubemos o que aconteceu com ela. Não demorou muito tempo, outras meninas começaram a desaparecer. Em pouco tempo, outras comunidades indígenas também começaram a passar pela mesma situação. Começaram a circular rumores sobre a presença de imigrantes espanhóis, recém-chegados. Com a repetição dos desaparecimentos, ficamos sabendo que alguns desses imigrantes levavam à força moças indígenas. Primeiro, para que cuidassem das suas casas. Mas alguns acabaram tendo filhos com elas. Se casaram com elas, por assim dizer. Eu fui uma dessas jovens sequestradas. Teu avô me pegou no laço. Pelo menos foi assim que se passou a contar a história, que não fica muito distante do que acontecia de verdade.

– A minha mãe sabe disso?

– Só você sabe disso na nossa família. Se eu hoje te conto isso é porque eu sei que você consegue compreender. E vai saber o que fazer com essas informações. Felizmente, os jovens e as jovens de hoje não são os mesmos de ontem. Assim como eu sobrevivi, a sua mãe e os seus tios também sobreviveram... E, assim como eu, não tiveram quase acesso à educação. E mesmo quando chegaram a frequentar uma escola, as nossas histórias não eram contadas. A versão da história que se conhece é só uma parte dela, e uma parte bem pequena. E eu queria te reencontrar não só pela saudade que eu sinto, mas também pra te dizer uma coisa muito importante: que agora cabe a você contar essas histórias. São elas que vão ajudar a romper, em definitivo, uma cadeia de violências.

– E eu vou saber contar elas?

– Você vai saber com quem conversar, aonde ir, onde pesquisar, afinal as nossas histórias não estão nos livros. Elas estão espalhadas por aí. Escute o vento. A criança sabe muita coisa, e sabe mais do que muita gente imagina. Criança sabe sobre o seu mundo e sabe sobre o mundo dos adultos. E quando você se tornar um mais velho, como eu, você vai saber a quem passar essa responsabilidade de contar as nossas histórias.

– Tá bem. Vó, o presente da Brenda! Por que você mesma não entregou?

– Porque isso também cabe a você.

– Eu escutei "presente da Brenda"?, Brenda pergunta, se aproximando.

O menino entrega a Brenda a bolsa com seu presente. Ela abre a caixa de talco e, a seguir, fecha os olhos. Uma vez aberta a caixa, seu conteúdo é espargido, como se estivesse sendo movido pelo vento, e toma conta do espaço, transformando-se em milhões de

pequenos pontos luminosos, como pequenas estrelas faiscantes. Um intenso aroma de alfazema toma conta. As diminutas partículas envolvem o corpo de Brenda, que é elevado a alguns metros do chão. Os minúsculos pontos luminosos começam a girar, cada vez mais aceleradamente, até não ser mais possível ver o corpo de Brenda. O menino lança um sorriso para a avó. E gradualmente, todos passam a avistar uma leoa imensa, que logo é devolvida ao chão. Os pontos luminosos haviam voltado para dentro da caixa, voltando a ser o que pareciam ser: simplesmente pó.

A avó acerca-se daquela mulher-leoa e, com um gesto de carinho na sua cabeça, diz:

– Era a etapa que lhe faltava cumprir, minha querida amiga Brenda. Desde a sua luta pela vida e pela dignidade de pessoas T soropositivas, pessoas que você acolheu no seu Palácio das Princesas. Agora você está definitivamente transmutada na mulher-leoa que você se tornou. Agora, você é uma transmortal, e passa a ter o domínio total sobre a forma do seu corpo e a sua existência.

O corpo de Brenda volta a assumir feições humanas.

– *Un besote, hermanita guapa!*, disse Isabelita, com a voz embargada. E, para quebrar o climão, acrescentou: Vamos brindar ou não vamos?!

– O brinde vai ter que esperar mais um pouco, disse a avó. Isabelita faz um muxoxo. A avó indica o tigre, que havia despertado e se dirigia, em passos majestosos, ao centro da clareira.

Aos poucos, uma massa de seres foi se aproximando: animais, humanos, seres fantásticos, seres mitológicos, corpos híbridos, alguns eclodindo do chão, outros chegando pelos ares, outros simplesmente caminhando. Todos portando pequenas tochas acesas. Foram abrindo espaço para que o tigre tomasse a área central da clareira. Ali, seu corpo adquire alguns traços humanos. E o homem-tigre começa a performar uma dança ritualizada, ao som de um cântico que começa a ecoar. O som parece ser originado no próprio chão onde aquele ser indefinível executa movimentos vigorosos e, ao mesmo tempo, suaves. Ao seu redor, uma multidão assiste àquela manifestação tão única quanto encantatória.

Mãe celestial[5]

Fig. 2 – *QR code* para acesso ao cântico/hino "Mãe celestial"



Fonte: Produzido pelo autor do texto.

Eu peço e rogo
Ó mãe celestial
Que tudo enquanto eu tenho
É vós é quem me dá
Ó mãe celestial

Eu peço e rogo
Ao pai celestial
Que tudo enquanto eu tenho
É vós é quem me dá
Ó pai celestial

Eu peço e rogo
Ó mãe celestial
Que me dê a salvação
E me bote em bom lugar
Ó mãe celestial

Ao final, uma pausa e silêncio. O homem-tigre aproxima-se do menino e, de forma doce e delicada, pega suas mãos e o convoca:

[5] "Mãe Celestial" é um cântico ou hino da doutrina do Santo Daime e integra o hinário (conjunto de cânticos ou hinos, ditados por um guia espiritual) de Raimundo Irineu Serra, conhecido como Mestre Irineu, filho de ex-escravizados. Nos anos 1930, no Acre, ao participar de um ritual com ingestão da ayahuasca, tradicional infusão bebida por povos originários da região amazônica, ele teria recebido a missão de criar uma doutrina cristã, que teria a infusão como sacramento principal.

– Sigamos lutando, sigamos dançando.

E com estas palavras, despede-se, voltando-se para o sul, direção na qual segue, caminhando com serenidade. Todos acompanham em silêncio a sua caminhada, até que seu corpo desaparece junto ao corpo da floresta.

– Ele retornou ao todo. Foram as palavras ditas pela avó, ao ver uma lágrima escorrer no rosto do menino.

Brenda aproxima-se do menino, coloca um braço ao redor dos seus ombros e, de forma maternal, lhe diz que todos participariam juntos agora de uma celebração. Conduzindo-o pela mão direita, forma, no centro da clareira, uma roda, na qual estão também sua avó e Isabelita. Atrás deles formam-se incontáveis círculos de seres com as mãos dadas.

– A vida ainda é dura, diz Brenda, mas estamos todas bem.

Uma canção começa, fazendo com que seus corpos vibrem. Iniciam uma dança, uma coreografia, que é executada por todes.

Brenda Lee[6]

Fig. 3 – *QR code* para acesso à canção "Brenda Lee"



Fonte: Produzido pelo autor do texto.

Lembra, Brenda?
Quando disse que o destino sorriria pra mim
A Cintia parecia por fora pedra fria
Depois saiu de cena
E a surpresa por fim

[6] Canção de Fernanda Maia e Rafa Miranda, gravada por Abner Paul, Nonato, João Baracho, Rafa Miranda, Pedro Macedo, Ambrosia, June Weimar, Marina Mathey, Olívia Lopes, Tyller Antunes e Verónica Valenttino. Integra a trilha sonora do espetáculo "Brenda Lee e o Palácio das Princesas", do Núcleo Experimental de Teatro, de São Paulo. Estreada em 2022, a montagem segue em circulação.

Chegou o advogado
Falou, mostrou
Ela fez meus documentos
E, de quebra, me adotou
Sendo filha dela
Virei a sua herdeira
Abri o meu salão
No atelier que ela deixou
Trabalhando nas revistas de moda
Poderosa, talentosa, um sucesso, eu sou foda
Mas nunca me esqueço
Quem primeiro me falou
Que um dia chegaria
E o destino sorriria pra mim
Brenda Lee, estamos todas bem
A vida ainda é dura
Mas estamos todas bem
Brenda Lee, Brenda Lee
Não fica preocupada
Lembra, Brenda?
Quando disse que o destino sorriria pra mim
Na forma de um remédio antirretroviral
Fiz a cirurgia, o meu desejo afinal
Quando eu me encontrei, encontrei a minha voz
A soma reverbera a voz de todas nós
Você me falava: solta a voz, Daniela
Teu pai não vai calar uma voz tão bela
Hoje em dia, sou cantora, sou estrela
Eu canto no rádio, no palco e na tela
Mas nunca esqueço quem primeiro me falou
Que um dia chegaria
E o destino sorriria pra mim

Brenda Lee, estamos todas bem
A vida ainda é dura, mas estamos todas bem
Brenda Lee, Brenda Lee
Não fica preocupada
Lembra, Brenda?
Quando disse que o destino sorriria pra mim
Depois que você foi, resolvi me tratar
Nas casas de apoio passei a trabalhar
Segui o seu exemplo, fui sua sucessora
Honrando a memória da nossa protetora
A casa continua, virou fundação
E teve tanta ajuda, todo mundo deu a mão
Tô limpa e tenho novidade
Adotei uma menina, sou mãe de verdade
Mas nunca esqueço quem primeiro me falou
Que um dia chegaria
E o destino sorriria pra mim
Brenda Lee, estamos todas bem
A vida ainda é dura, mas estamos todas bem
Brenda Lee, Brenda Lee
Não fica preocupada
Estamos todas bem

Ao final, o menino volta-se para a avó:

– Agora eu já posso voltar.

– Sim. E agora você já pode abrir aquele baú, responde ela. Nele estão cartas, textos, documentos deixados pelo seu avô. Eles vão ser uma das fontes para a sua pesquisa, durante toda a sua vida. Algumas coisas vão ser explicadas pelo que está lá dentro. Não tudo, mas algumas coisas. Não tenha pressa.

Isabelita-condor reassume seu posto de protetora e condutora. Em pouco tempo, novamente sob a proteção daquele pássaro gigante, o menino regressava ao seu santuário.

Fig. 4 – Crisântemo amarelo



Fonte: Imagem licenciada ao autor pela Shutterstock em 27 fev. 2026
[Foto: 302270999; Transação 276566515].

Referências da disciplina

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**: crítica da violência ética. Tradução Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

HALBERSTAM, Jack. **A arte queer do fracasso**. Tradução de Bhuvi Libânio. Recife: Cepe, 2020.

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema**: fazer parentes no chthluceno. São Paulo: n-1 edições, 2023.

LE GUIN, Ursula K. The carrier bag theory of fiction. *In*: LE GUIN, Ursula K. **Dancing at the edge of the world**: thoughts on words, women, places. New York: Grove Press, 1989.

LE GUIN, Ursula K. **A teoria da bolsa da ficção**. Tradução de Luciana Chieregati e Vivian Chieregati Costa. Introdução de Juliana Fausto. Posfácio de Luciana Chieregati. São Paulo: n-1 edições, 2021.

PRECIADO, Paul B. **Eu sou o monstro que vos fala**: relatório para uma academia de psicanalistas. Tradução de Carla Rodrigues. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

RIBEIRO, Martha. Interromper o espetáculo: o gesto político e estético das emoções. **Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**, [S. l.], v. 13, n. 27, p. 49 – 72, 2023. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/41744. Acesso em: 07 mar. 2026.

TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório**: performance e memória cultural nas Américas. Tradução de Eliana Lourenço de Lima Reis. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

Submetido em: 13 mar. 2026
Aprovado em: 4 ago. 2026